

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A. Triluma (sentes) Class.: 13

Data: 18/08/80 Pg.: _____

Índios danificam o asfalto da BR-423 em protesto ao DNER

RECIFE – Depois de terem danificado com picaretas, um trecho da BR-423 – que liga a cidade pernambucana de Garanhuns, a Paulo Afonso, na Bahia – os índios fulnios resolveram suspender o ato de protesto, tão logo obtiveram do DNER, a promessa de que a repartição construirá uma passagem para pedestres na rodovia, que corta a cidade sertaneja de Águas Belas, onde fica a tribo, com cerca de 2.300 pessoas.

A informação a respeito da decisão dos fulnios foi transmitida ontem à tarde pelo delegado regional da Funai, Eudes de Araújo, o qual confirmou, em sua residência, o movimento promovido por cerca de 100 indígenas, revoltados com o risco de vida que correm ao atravessarem a BR-423. No local, já foram registrados três acidentes fatais. A movimentação e o aumento de passagens pela estrada começaram este mês, uma vez que os fulnios estão realizando o ritual do Ouricuri, que tem duração de 90 dias, e é desenvolvido em local distante da aldeia.

Há alguns meses, os índios vinham acionando a Funai, para que mantivesse contato com o DNER, no sentido de se construir uma passagem para pedestres. Como a reivindicação não foi atendida, eles resolveram apelar para seus próprios recursos, destruindo a estrada com picaretas, chegando até a interditá-la. Diante da confusão, o DNER assegurou a Funai que fará a passagem subterrânea pedida pelos fulnios.

O ritual do Ouricuri que anualmente é realizado em Águas Belas, a 310 quilômetros de Recife, é manifestação mística religiosa, desenvolvida de forma secreta, que não permite aproximação nem assistência de brancos, nem mesmo que sejam da Funai. O tráfego da BR-423 foi restabelecido na noite do mesmo dia, quando se deslocaram para o local, viaturas da Polícia Rodoviária, a fim de restabelecer o movimento da rodovia, que é muito intenso.

O protesto dos índios contra o DNER não é o primeiro que se faz em Pernambuco, uma vez que todas as rodovias vêm sendo construídas nos últimos anos não só por aquele órgão, mas também pelo seu congêneres estadual – O DER – relegam pedestres a segundo plano, e não lhes dão condições de segurança de atravessar essas artérias, como nem mesmo permitem que se caminhe ao longo das rodovias, pois a maior parte não conta com calçadas, para beneficiar aqueles que não possuem automóvel.

PARANÁ

Por outro lado, em Mangueirinha, no sudoeste do Paraná, cerca de 1.200 índios caingangues prepararam-se para retomar a área de 9 mil hectares, ocupada pela F. Slaviero Indústria e Comércio de Madeira. Sem armas, mas com apoio do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e Associação Nacional de Apoio ao Índio (ANAI), os caingangues estão decidindo como entrar na área, "sem criar motivos para intervenção da polícia", como afirmou o cacique Jonnesval Teles dos Santos.

O movimento foi iniciado na última terça-feira, quando cerca de 20 índios decidiram reaver suas terras, vendidas em 1949 pelo governo do Paraná ao grupo Slaviero. Sem participação do cacique e da própria Funai, os caingangues, liderados por Ambrósio Luís Krankran, iniciaram a retomada da área. Com foices e enxadas, começaram a desmatar cerca de 5 hectares da área em litígio, onde pretendem plantar feijão e milho, "e ficar na terra de qualquer maneira, nem que tenha que morrer o último índio", segundo o líder guarani Humberto Gabriel, um dos principais articuladores do movimento.

Depois de se reunirem com a ANAI e Cimi, as lideranças caingangues e guaranis resolveram aguardar o momento exato para iniciar a invasão, que pode começar a qualquer momento. No entanto, existe uma preocupação: nesta época do ano as lavouras de milho estão sendo colhidas, o que pode dificultar a participação em massa da tribo, que tem estocados 300 sacos de arroz e feijão, que poderão ser distribuídos às famílias que entrarem na área.

Enquanto isso o clima é de tensão na reserva de Mangueirinha, onde dois grupos que lideram a tribo discutem como iniciar a retomada da área. O cacique Jonesval Teles dos Santos quer que o movimento seja iniciado com precaução. Famílias iriam se instalando na área até que fosse totalmente ocupada. O outro grupo, liderado por Ambrósio Luís Krankran, pretende tomar a área a força e expulsar os empregados da Slaviero.